

TUDO É LINGUAGEM: RESSIGNIFICANDO OS USOS DAS IMAGENS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Verônica Alves dos Santos Conceição; Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro; Débora Araújo Leal; Josué Leite Conceição.

Universidade Tiradentes (UNIT). veronica.alves604@gmail.com; Centro Universitário Católica de Quixadá. stanagila@hotmail.com; Instituto Universitário Italiano do Rosário – IUNIR. delleal8@hotmail.com; Universidade Tiradentes (UNIT). jlcengenhariafsa@gmail.

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o uso de imagens no livro didático de língua portuguesa a partir de critérios como qualidade, adequabilidade a faixa etária dos estudantes e suportabilidade aos conteúdos curriculares abordados. Trata-se de um estudo bibliográfico dentro de uma abordagem qualitativa com enfoque na análise. Como resultado, concluímos que algumas imagens são utilizadas apenas como recurso visual para abertura de seções de estudos ou de introdução para alertar o leitor da mudança de temática, quando poderiam ser usadas como potencializadoras de momentos para construções de significados, de intertextualidade e análise crítica da realidade de cada estudante. Essas oportunidades devem ser percebidas como importantes no processo de formação de estudantes desde o ensino fundamental, pois contribui para processos amplos de letramento com vistas à uma prática pedagógica e educativa que sirva a aprendizagem do sujeito leitor e produtor de textos.

Palavras-chave: Língua portuguesa, imagens, livro didático.

Introdução

Vivemos em um período da história em que a imagem compõe o nosso cotidiano. Com o auxílio da tecnologia na produção das imagens, elas ganharam mais qualidade e dinamismo ao ponto de modificarem as bases do conhecimento humano. As crianças aprendem desde cedo a interagir com imagens através dos games e computadores, a produzir e consumir uma diversidade de imagens. Desse modo, faz-se necessário enfatizar a importância e o papel que as imagens vêm assumindo no ensino contemporâneo.

Nosso objetivo é analisar a função que as imagens assumem no livro didático a partir de critérios como qualidade, adequabilidade a faixa etária dos estudantes e suportabilidade aos conteúdos curriculares abordados a fim de rever e revalidar ou não a adoção do livro de língua português para o 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da rede pública da cidade de Santo Estevão na Bahia. Entendemos que as imagens – desenhos, figuras, fotografias – e uma diversidade de linguagens não verbais presentes nos livros didáticos devem apresentar qualidade estética e estar em consonância com a realidade dos alunos.

Desta forma, pensamos estar contribuindo para a formação de cidadãos capacitados que dominem os caminhos da linguagem iconográfica e na formação de leitores competentes e conscientes a partir das escolhas de livro que possam atender melhor os propósitos de educação e linguagem.

Vislumbramos resgatar o verdadeiro sentido iconográfico para os livros didático de língua portuguesa a partir do livro didático “Tudo é Linguagem” de Ana Maria Trinconi Borgato (2009), da editora Ática. O livro será analisado com o auxílio de professores de português, a partir dos critérios definidos previamente. Fundamentamos nossa pesquisa em autores como Beltrão (2003), Benjamin (1994), Borgato (2009), Burke (2004), Cardoso e Mauad (1997), Gomes (2009), Machado e Corrêa (2010), Munari (1997), Paiva (2006) e Rossi (2009).

O livro didático ocupa um papel importante nas atividades escolares dos estudantes brasileiros da rede pública e privada de ensino. Ao ponto de ser, conforme Beltrão (2003, p. 19), o “mentor das práticas pedagógicas e referência quanto a seleção do que se ensina, do quanto se ensina e do como se ensina, em cada um dos seriados escolares”. Sua influência chega a determinar a rotina do trabalho didático, o nível de discussão e a profundidade das questões inerentes aos conteúdos curriculares por meio das suas páginas. De fato, nesse contexto, a autora denuncia que o “livro quer ser o professor”.

Na realidade em que o livro assume a centralidade do cotidiano da sala de aula, a iconografia dos livros didáticos não passam despercebidas pelos estudantes e, por vezes, permitem leituras e construções de sentidos nem imaginadas pelo professor. Para Rossi (2009, p. 11), a cultura estudantil se caracteriza pela saturação de imagens, responsáveis pela maior parte das informações que chega a mocidade. Entretanto, para a autora, as imagens que compõem o livro didático, por vezes, “não respeitam as condições de leitura dos alunos, nos diversos momentos e contextos no processo de escolarização”. E os professores, por sua vez, “não conhecem o desenvolvimento estético de seus alunos, não tem condições de avaliar as propostas de leitura que recebem”.

A situação se torna preocupante na medida em que muitas das propostas presentes na iconografia do livro reduzem a “análise de elementos e de princípios formais da composição (linha, cor, forma, ritmo, equilíbrio, etc.) e não favorecem a expressão das ideias (teorias, intuições) dos alunos sobre o que veem”, conforme Rossi (2009, p. 11). Logo, a autora nos instiga a questionar acerca das condições e situações de utilização de imagens nos livros didáticos da Educação Básica.

As imagens, assim como os códigos linguísticos, podem ser decodificadas. Por serem universais podem ser lidas e interpretadas por qualquer leitor, independente da sua língua materna. Para Gomes (2009, p. 143), a formação de um leitor competente é um dos objetivos basilares da educação escolar, visto que a leitura é o maior instrumento para a construção do conhecimento. Assim, segundo a autora, despertar “no aluno o interesse pela leitura é o maior legado de um professor aos seus alunos”. Mas, a leitura não se dá apenas através da linguagem verbal.

Um ensino eficaz na língua materna requer uma superação da dicotomia entre a linguagem verbal e linguagem não verbal, pois ambas são práticas indissociáveis do cotidiano nas sociedades letradas. Assim, ao tornar a língua portuguesa mais acessível ao estudante, habilitando-o a utilizá-la em suas demandas comunicativas diárias possibilitamos um estreitamento da relação código e usuário, como consequência promovemos um ensino de qualidade. Para tanto, faz-se necessário rever e reorganizar a inserção das imagens nos livros didáticos de língua portuguesa.

Felizmente, Machado e Corrêa (2010, p. 113) percebem a melhoria na qualidade dos livros didáticos e nas escolhas que as escolas fazem deles para uso em sala e para a composição dos acervos de bibliotecas escolares. Segundo os autores, os livros mais recentes, em maior parte deles, têm o claro objetivo de favorecer o letramento literário na alfabetização sem perder de vista a sensibilidade estética. Ainda,

Nesses livros, a voz infantil é quem dá as coordenadas do tom do texto. Rompe-se com a hierarquia adulto-criança, que costumaria, há algumas décadas, prevalecer nos primeiros contatos com a escrita na escola. Outra característica de muitas destas obras é a de permitir que a criança possa ler por ela mesma (a complexidade da linguagem busca atender a níveis de iniciação, sem que se banalize ou reduza o teor provocador e a qualidade do texto).

De fato, a significação e o encantamento iconográfico é fundamental para aguçarmos nossas intenções leitoras. Entendemos assim como em Machado e Corrêa (2010, p.113), que a imagem “não se configura como mera ilustração, nos livros para crianças. A ilustração que é também “texto”, não repete, mas acrescenta sentidos ao texto escrito” Logo, estabelece um contexto comunicativo. Munari (1997) entende comunicação visual como tudo que nossos olhos veem. Para o autor, uma nuvem, uma flor, um desenho técnico, um sapato, um cartaz são imagens que, como todas as outras, tem um valor diferente segundo o contexto ao qual estão inseridas, dando informações diferentes.

O desenho como forma de linguagem traduz uma íntima relação com o movimento cotidiano de quem cria, planeja e o produz. Podemos considerar que a forma como os desenhos são produzidos reflete, de uma forma ou de outra, o momento histórico-social que indivíduo está inserido. Benjamin (1994, p. 36), ao falar sobre a imagem de Proust relata o encantamento com que este descreve sua autobiografia: a descrição detalhada dos dados e o grau de intencionalidade das informações. Para o autor “a imagem de Proust é a mais alta expressão fisionômica que a crescente discrepância entre poesia e vida poderia assumir”.

Os estudos relacionados a imagens são tão relevantes que, para Cardoso e Mauad (1997, p. 417), desde o século XIX existiam propostas de se trabalhar com fontes históricas não verbais. Hoje, na visão dos autores, é essencial inserir a iconografia como fonte de pesquisa e de análise por elas se constituírem unidades de manifestações autossuficientes, um conjunto de significações suscetíveis de análise. Nesse sentido, os autores relatam que

Um longo caminho percorrido já nos separa, neste final de século XX, da época em que as imagens apareciam nos livros escritos por historiadores unicamente com ilustrações. Ou mesmo, de tentativas pioneiras, sérias mas assistemáticas ou metodologicamente falhas, de uma aproximação maior aos documentos iconográficos, seja vendo-os como fontes, seja encarando-os como objeto específico de pesquisa histórica

Por outro lado, Burke (2004) afirma que, como outras formas de evidências, imagens não foram criadas, pelo menos em sua grande maioria, tendo em mente os futuros estudiosos. Os criadores têm sempre suas próprias preocupações, suas próprias mensagens. Independentemente do período de criação, as imagens podem ser lidas e, é claro, a leitura vem transpassada pelas condições e situações em que foram feitas. Sobre as leituras iconográficas Burke (2004, p. 44) relata “que para os iconografistas, pinturas não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem “lidas”.”

Paiva (2006, p. 19) entende que as imagens, por serem fontes ricas da história, devem ser exploradas com muito cuidado. Afinal, foram criadas, forjadas, concebidas e idealizadas embutidas nas escolhas do produtor e de todo o contexto de produção. Nas palavras do autor,

é importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Há como já disse antes, lacunas, silêncios, e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente.

Percebe-se que as imagens ocupam um importante espaço de discussões em diferentes teóricos em várias épocas da história. Em todos os momentos, a iconografia é uma importante fonte de conhecimento com infinitas possibilidades de leituras e ressignificações.

Vivemos um tempo de comunicação rápida, de profusão de imagens, de linguagens sintéticas, de novas formas de organização de mensagens verbais e não verbais. Essas transformações na comunicação exigem dos indivíduos, cada vez mais, o pleno domínio de diferentes linguagens. A escola, diante de uma diversidade de elementos comunicativos, cobra um aprimoramento contínuo dos docentes para acompanhar a globalização e com ela as diferentes formas comunicativas. Cabe ao educador saber interagir com essas variadas formas de comunicação.

Há dez anos, atuando como professora de língua portuguesa, me inquieto ao verificar que os livros didáticos, apesar dos novos enfoques pedagógicos, necessitam de um novo olhar sobre o aspecto iconográfico. Infelizmente os recursos visuais, ainda são utilizados, na maioria das vezes, como meros aspectos ilustrativos ou decorativos. O que nos leva a considerar uma forma equivocada de ver, sentir e analisar os usos e funções da linguagem visual.

Nos dias de hoje, interagir com os diversos tipos de linguagens é, além de condição de comunicabilidade, condição de apropriação de conhecimento e, conseqüentemente, de desenvolvimento cognitivo. Logo, as discussões apresentadas poderão nos conduzir a um novo parâmetro pedagógico podendo, a partir dos questionamentos e inquietudes, elaborar novas propostas didáticas para as novas coleções que comporão a paisagem da escola.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico dentro de uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo e outros (1994), na pesquisa qualitativa existe uma preocupação com um nível de realidade que não pode ser quantificado, aprofundando-se no mundo dos significados das ações e relações humanas. Pois, para Minayo e outros (1994, p. 24), os autores da pesquisa qualitativa “não se preocupam em quantificar, mas, sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos”. Afinal, o foco da pesquisa é “a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. [...] a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis.”.

Assumimos como objetivo resgatar o verdadeiro sentido iconográfico para os livros didático de língua portuguesa, portanto optamos pela revisão de literatura com vistas á

levantar a importância das imagens na composição de leituras multimodais. Em seguida, a partir dos critérios de qualidade, adequabilidade a faixa etária dos estudantes, suportabilidade aos conteúdos curriculares abordados, analisamos o livro “Tudo é Linguagem” de Ana Maria Trinconi Borgato (2009), da editora Ática, adotado no município de Santo Estevão, na Bahia.

Com o auxílio de professores de língua portuguesa e do coordenador da área, o livro em questão foi analisado a partir dos critérios definidos (qualidade, adequabilidade a faixa etária dos estudantes, suportabilidade aos conteúdos curriculares abordados) e dos teóricos consultados.

Resultados e discussões

A leitura e a análise do livro didático “Tudo é Linguagem” de Ana Maria Trinconi Borgato (2009), da editora Ática, adotado no município de Santo Estevão, na Bahia, possibilitou percebermos uma ausência de diálogo entre alguns textos (imagéticos e verbais) inseridos no contexto dos capítulos do livro. Considerando que as imagens em seus diversos gêneros (fotos, desenhos, figuras, ilustrações e etc.) podem ser um elemento que possibilita a intertextualidade.

Outra percepção foi que algumas atividades apresentam as personagens das histórias por meio da escrita, porém deixam de destaca-las nas versões visuais. Poderiam ter abordados, de modo criativo, aspectos como expressões faciais e corporais das personagens como outra possibilidade de leitura por parte do estudante.

Percebemos, também, a ausência da dimensão contextual, na relação entre imagem e escrita no que se refere ao revezamento. Ademais, em alguns capítulos, as imagens parecem estar por acaso ou apenas para abrir as seções de leitura. Logo, perdem-se oportunidades de serem exploradas como conteúdo curricular, a serem aprendidos enquanto representações do cotidiano e de se estabelecer relações com o texto escrito em estudo.

Assim, depreendemos que as imagens utilizadas são compreendidas a partir de funções editoriais, devido ao descuido com o visual. Em outros casos assumem a função de ícones para sinalizar as seções ou atividades que serão executadas pelos leitores. Quando apresentam imagens como elementos de ilustrações do texto verbal do livro didático e a ele associadas atuam como antecipação de seu tema ou indução de sua interpretação.

Considerações Finais

O livro didático é visto como um espaço onde os textos multimodais são utilizados para alcançar objetivos didáticos a partir de orientações oficializadas nos parâmetros curriculares. Assim, as imagens presentes as coleções didáticas, ou seja, os desenhos, os

gráficos, os infográficos, as ilustrações e todos os aspectos visuais devem estar em conformidade ética, moral e em respeito às raças e etnias. Felizmente, percebemos uma avanço qualitativo a partir dos anos 1990 com relação ao tratamento dos textos visuais.

Por outro lado, não podemos negligenciar outros aspectos em que as imagens podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de estudantes do ensino fundamental, dentre eles as possibilidades de múltiplas leituras, de práticas de intertextualidade, de construções e desconstruções de significados, críticas e abordagens do cotidianos de cada estudante que frequenta a etapa básica da educação brasileira.

Nesse sentido, o professor, a equipe pedagógica e todos os envolvidos no processo educacional devem olhar para o livro didático como um espaço de indagações, sem desconsiderar o contexto de inserção das imagens presentes em atividades de leitura e de escrita da língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental.

Referências

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **Aprender com os materiais didáticos**. Revista de Educação CEAP. 2003, n. 39, p. 15-25.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. SP: Ed. Brasiliense, 1994.

BORGATO, Ana Maria Trinconi. **Tudo é Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BURKE, Peter. O testemunho das imagens. Iconografia e iconologia. In: **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p.11-56.

CARDOSO, Ciro; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da História**. 1997. p.401-417.

GOMES, Maria Lucia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. SP: Saraiva, 2009.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; CORRÊA, Hércules Toledo. Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (Coord.). **Língua portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. BEFLANDEF, Suely Ferreira. CRUZ, Neto Otavio. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 24^a Ed. Petrópolis: Vozes.1994. 80 p.

MUNARI, Bruno. **Design e Comunicação Visual**. Tradução de Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes. 1997. 350 p.

PAIVA, Eduardo França. **A iconografia na história. História & Imagem**. Belo



Horizonte: Autêntica, 2006.p.17-34.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que Falam. Leitura da Arte na escola.**
Porto Alegre: Mediação, 2009.